



PODER, EPISTEMICÍDIO E AQUILOMBAMENTO: COMO A ARTICULAÇÃO DESSES CONCEITOS FOI UTILIZADA PELO NCN DA UNICAMP NA CONSTRUÇÃO DA SUA AGENDA POLÍTICA NOS ANOS DE 2019, 2020 E 2021

Palavras-chave: Poder, epistemicídio, aquilombamento e agenda política

Autores

Guilherme R. Domingos Antunes [UNICAMP]
Prof. Dr. Christiano K. Tambascia (orientador) [UNICAMP]
Prof. Dr. Luiz Gustavo Rossi (coorientação) [UNICAMP]

Introdução

Esta pesquisa buscou investigar como o conceito *epistemicídio* foi construído por Sueli Carneiro (2005). A partir de sua definição, interessava-me observar como o *epistemicídio* tem sido problematizado pelos coletivos negros da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e, deste modo, pensar as dimensões do racismo que dificultam e/ou interdita a legitimidade do sujeito negro, suas produções e suas formas de conhecimento. A hipótese da pesquisa sustenta que o conceito de *epistemicídio* é utilizado como fundamento teórico para a mobilização coletiva de estudantes negros da Unicamp. Esses, por sua vez, anseiam um alargamento da democratização universitária e dos conhecimentos nela ensinados.

A metodologia adotada foi a etnografia de três entidades presentes na Unicamp das quais participo e que, em suas atividades, têm a preocupação com a multiplicidade de paradigmas de conhecimento uma questão central: o BITITA (Núcleo de Estudos Carolina Maria de Jesus – IFCH); a CADER (Comissão Assessora de Diversidade Étnico-Racial); e o NCN (Núcleo de Consciência Negra da Unicamp). O BITITA se caracterizou por ser o espaço propulsor para o aprofundamento teórico no que diz respeito a temas e conceitos relacionados à temática étnico-racial. Por outro lado, a CADER serviu para observar como se dá a promoção e efetivação de políticas de ações afirmativas na universidade. Por último, a participação no NCN permitiu a observação de como os membros do coletivo articulavam *epistemicídio* e demais conceitos decoloniais nas suas atividades.

Metodologia

A metodologia e o escopo adotados sofreram algumas alterações no decorrer da pesquisa por conta da pandemia da COVID-19, mas também em razão de uma definição ainda incompleta do conceito *epistemicídio*. Num primeiro momento, o objetivo seria etnografar (nos anos de 2019-2021) como os membros do Núcleo de Consciência Negra (NCN) da Unicamp - marcado por uma maioria de estudantes da graduação e pós-graduação do IFCH - articularam conceitos decoloniais para a construção de agendas políticas que visam a

democratização universitária. De maneira complementar, realizaria entrevistas semiestruturadas com membros do NCN e com professores que atuam (ou atuaram) na construção de políticas de ações afirmativas e/ou atividades universitárias relacionadas à temática étnico-racial. Por fim, realizaria ainda uma sondagem bibliográfica das ementas dos cursos do IFCH para compreender como um espaço marcadamente reflexivo, ele mesmo, (re)produz e conforma desiguais formas de conhecimento.

Antes de demonstrar as atualizações e resultados da pesquisa, é necessário aperfeiçoar a definição que havia dado para o conceito de *epistemicídio* no último relatório. Não porque a definição anterior estivesse errada, mas por ela sugerir que *epistemicídio* seria um conceito reduzido ao espaço universitário e que, para além da

“ausência ou escassez de bibliografias ou de pessoas negras que compõem, respectivamente, o currículo e o corpo docente do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), [...] [seria a] maneira como a própria instituição, como reprodutora e produtora de conhecimento, é construída e como essa participa na construção de conceitos e temas da e para a sociedade” (relatório parcial de atividades; p.03).

Discutido por mim desse modo, *epistemicídio* se reduziria a construções epistemológicas hegemônicas que, estando em espaços de conhecimento legitimados pela branquitude, interditarium ou não legitimariam saberes tradicionais e produções intelectuais realizadas por sujeitos negros. No entanto, se somente assim definido e utilizado, não seria possível conectar o conceito de *epistemicídio* com eventos que, em princípio, são exteriores à universidade, por exemplo (e mais recentemente), os impactos desiguais da pandemia no desenvolvimento de estudantes negros na vida universitária. Isto posto, qualifiquemos melhor a definição de *epistemicídio*. Conforme Carneiro, seria:

“para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação do acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo.” (CARNEIRO; 2005; p.97).

Portanto, *epistemicídio*, para Sueli Carneiro, vai além dos muros da universidade; ele serve ao exercício do poder. Afinal, é também um dispositivo, tal como definido por Foucault:

“um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.” (FOUCAULT; 2019; p.364).

A revisão desses conceitos, bem como o quadro de desenvolvimento da pandemia, permitiu a readequação e um melhor entendimento da posição que a instituição universitária possui em minha pesquisa. Ora, se olharmos para a universidade como se ela fosse apenas um espaço de produção de conhecimento, sem situar sua posição em relação aos quadros sociais,

políticos e econômicos mais amplos que a conformam, todas as reflexões que daí saíssem estariam incompletas, beirando o senso comum.

Por esses motivos é que se fez necessário aperfeiçoar e adequar o escopo da pesquisa, o qual se definiu pela minha participação e observação ativa em três entidades presentes na Unicamp: BITITA (Núcleo de Estudos Carolina Maria de Jesus – IFCH); CADER e NCN.

Resultados e discussões

É importante destacar a implementação das cotas raciais na Unicamp, em 2019, e suas consequências nas pautas políticas universitárias. É provável que sem elas as disputas políticas que estudantes, coletivos e entidades reivindicam para uma maior e crescente democratização do acesso à universidade fossem mais penosas de se conquistar. Com o aumento de pessoas negras, em 2019, novos sujeitos e pautas políticas foram surgindo. Stephanie Lima (2020), também investigando o NCN, vai afirmar que:

“a proliferação e articulação desses sujeitos políticos negros universitários, ou seja, do estudante negro que entra na universidade e se engaja politicamente neste contexto pós cotas, vêm gerando variados processos de produção de sujeitos políticos, de enquadramentos e de repertórios políticos, sobretudo no que tange às relações e diferenciações dinâmicas e múltiplas que se dão em relação aos vários “movimentos” em jogo – movimento estudantil, feminista, LGBT, negro, etc.” (LIMA; 2020; p.37).

Com a maior presença de estudantes negros na Unicamp, a tensão sobre questionamentos visando um alargamento da democratização universitária aumentou. Isso pode ser demonstrado na construção da Comissão Assessora de Diversidade Étnico Racial - CADER¹ (ainda em 2019); nas atividades realizadas pelo Núcleo de Consciência Negra (NCN) da Unicamp (por mim investigado nos anos de 2019 a 2021); e do Núcleo de Estudos Carolina Maria de Jesus (BITITA), no IFCH (criado em 2020).

Talvez a *UnicampAfro*² tenha servido como o evento aglutinador das principais atividades de cunho étnico-racial da Unicamp, em 2019. Digo isso pois a própria construção

¹ A Comissão foi instituída pelo gabinete da reitoria através da Res. GR n.29/2019. Suas atribuições seriam: I: Formular, implementar, gerir e acompanhar as políticas de ação afirmativa e de combate ao racismo na Unicamp; II: Supervisionar, executar e promover ações destinadas ao pleno funcionamento do sistema de cotas étnico-raciais aprovadas pela Deliberação CONSU-A-032/2017, definir procedimentos para coibir fraudes, constituir a comissão de averiguação, responsável pelo procedimento de heteroidentificação complementar à autodeclaração dos candidatos negros (pretos e pardos), para fins de preenchimento das vagas reservadas no sistema de cotas étnico-raciais da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: https://www.pg.unicamp.br/mostra_norma.php?id_norma=14481.

² O evento, realizado no mês de novembro, tinha como título “Africanidades brasileiras: epistemologias em debate”. Constava na ementa do evento a seguinte descrição: “Africanidades brasileiras resulta no conhecimento da cultura afro-brasileira em diferentes perspectivas: histórica, social, política, educacional, filosófica, artística, normativa e acadêmica. Esses conhecimentos foram comprometidos dada a característica etnocêntrica universalista da branquidade, a qual se configura em todo o mundo ocidental e é observada nas universidades brasileiras. A identificação da influência destes elementos na construção da identidade brasileira é abordada através da perspectiva multidisciplinar”. Disponível em: https://unicampbr-my.sharepoint.com/:w:/r/personal/g236067_m_unicamp_br/_layouts/15/doc.aspx?sourcedoc=%7Bfe3eac5-d7cd-4d4f-a61f-f81a2a009738%7D&action=edit.

desse contou com uma ampla frente de organização que abrangia uma expressiva participação de estudantes, funcionários, de faculdades, de institutos, dentre outras entidades da Unicamp que se debruçassem ou não na temática étnico-racial³. O mês negro (como foi apelidado nos bastidores da organização) serviu como solo fértil para as expressões artísticas, culturais e de reflexões epistemológicas dos estudantes negros recém chegados à universidade. O NCN, sendo uma das entidades responsáveis pela organização do evento, incluiu no rol de atividades da *UnicampAfro* o “*Quem Tem Cor(Age)*”: evento anualmente realizado pelo coletivo e no qual *epistemicídio* e *aquilombamento*⁴ tornar-se-ão conceitos mobilizadores da agenda do coletivo nos próximos anos. No ano seguinte, será o BITITA o lugar em que parcela majoritária dos membros do NCN se aprofundarão nesses e em outros conceitos tão caros para compreensão das relações raciais no Brasil⁵.

Conclusão

A partir da observação ativa dessas três entidades (NCN; CADER e BITITA), pode constatar que a agenda política do NCN se pautou na mobilização de debates e conceitos decoloniais como epistemicídio e aquilombamento. Essa prática política é consequência direta da implementação de cotas raciais na universidade e da maior presença de sujeitos negros na Unicamp, a qual se vê instada a elaborar e executar políticas voltadas para manutenção e democratização na universidade.

Nesse sentido, a CADER servirá como um espaço institucional fundamental para promover e efetivar políticas de ações afirmativas na universidade. Essas podem ser observadas na constituição, em 2020 e 2021, da Comissão de Averiguação do Vestibular Unicamp (CAVU), como local que pressupõe a garantia do acesso à universidade por estudantes negros; mas também na organização da *UnicampAfro*, evento realizado para a celebração do mês da consciência negra e que na sua primeira edição, em 2019, coloca na ordem do dia a reflexão sobre epistemicídio e epistemologias negras desenvolvidas nas universidades. Colocada a reflexão, será o Núcleo de Estudos Carolina Maria de Jesus – BITITA, no IFCH, o espaço a subsidiar o aprofundamento teórico para os membros do NCN,

³ Mesmo sendo de organização coletiva com participação de uma miríade de entidades da universidade, a CADER ficou responsável pela organização e execução do *UnicampAfro*.

⁴ Conforme Stéfane Souto (2020), “a prática do aquilombamento é atravessada pelo princípio filosófico africano Sankofa, uma vez que diz respeito a acessar um legado fundado no início da experiência diaspórica, adaptá-lo às condições do presente e, com isso, criar a possibilidade de futuros pluriversais. Se “cada cabeça é um quilombo”, como anuncia Nascimento (1989), aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo. Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político” (p. 141).

⁵ Embora o NCN não se vinculasse a nenhuma área de saber específico dentro da universidade (característica que o distinguirá dos outros coletivos negros que surgirão em 2020/21, como o “Coletivo Quilombo Ubuntu” da Faculdade de Medicina da Unicamp; ou o “Coletivo Arvoredo Negro”, da Faculdade de Educação), seus membros, até o final de 2020, eram majoritariamente estudantes do IFCH. No início da construção do BITITA, quando o Professor Gustavo Rossi contou para mim a ideia de organizar um núcleo de estudos com a temática étnico-racial no instituto, logo chamei meus companheiros e companheiras de NCN a participar. Atualmente, dos quatorze pesquisadores vinculados ao BITITA, seis foram vinculados ao NCN.

principalmente no tocante à construção de conceitos e temas caros para o debate étnico-racial, como *epistemicídio* e *aquilombamento*.

Bibliografia

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 2005.

FOUCAULT, M; MACHADO, R (Org). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 10º ed., 2019.

LIMA, Stephanie Pereira de. **A gente não é só negro! Interseccionalidade, experiência e afetos na ação política de negros universitários**. Tese de doutorado. Campinas: IFCH/Unicamp, 2020.

SOUTO, S. “Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea”. **Revista Metamorfose**. Vol. 4, n. 4, p. 133-144, jun 2020.